

O Golpe 16-2-60

A CRÔNICA de Rubem Braga

O "PUTSCH" DE 1938

HÉLIO Silva tem publicado, na "Tribuna da Imprensa", uma série de reportagens históricas sobre a política brasileira dos últimos 30 anos, e está agora estudando o golpe integralista de 1938. Perdi, infelizmente, muitos capítulos, e espero que a coisa saia em livro para melhor poder lê-la.

Hélio Silva não se contenta em ler os jornais da época (diziam pouco e nem sempre certo, os jornais da época da ditadura) mas procura também os documentos originais e ouve depoimentos dos personagens sobreviventes. Seu livro será, assim, dos mais interessantes e úteis.

O que me espanta nesse "putsch" integralista de 1938 (feito de acôrdo com alguns partidários de Armando Sales) é a "chance" enorme que êle teve. As autoridades de nada sabiam, ou apenas vagamente suspeitavam de que alguma coisa poderia acontecer; mas isso era apenas um "estado de suspeita" normal em regimes de força, e há evidências de que ninguém previa um golpe de parte dos integralistas. Tanto o chefe da guarda do Palácio Guanabara como da Central de Polícia eram integralistas...

O que houve foi um espantoso fracasso de execução. O Guanabara ficou horas sem defesa séria; poucos eram os que pareciam dispostos a ir defender o então Chefe do Estado Novo. Mas por toda parte os integralistas tremeram, hesitaram, fugiram ou se precipitaram. Se tivessem tido uma margem de fracasso de 60 por cento ainda sairiam vitoriosos... É verdade que ninguém sabe o que sucederia depois: quem ficaria no Governo e que atitude tomariam as tropas no Rio e nos Estados. Mas o fato é que o "putsch" teve tudo para vencer — e essa vitória alteraria de maneira inimaginável a História do Brasil.

Os "comandos" integralistas (para dizer assim, pois a palavra ainda não existia na época) portaram-se como figurantes bisonhos e mal ensaiados em um teatrinho de amadores. Pouquíssimos foram os que souberam desempenhar seu papel; quase todos ficaram esperando para ver o que os outros fariam. Com isso deixamos de ter uma grande sangueira cívica: morreram apenas um guarda postado junto a uma central telefônica (sacrifício evitável, pois os atacantes poderiam ter se aproximado dêle e o desarmado) e alguns integralistas que parecem ter sido criminosamente executados nos jardins do Guanabara, depois de prisioneiros.

Se mais algum morreu — e é quase certo que sim — foi às mãos da Polícia Política, até então aliada íntima dos "verdes". O que não seria mal que Hélio Silva também investigasse.